



ANÁLISE DA LINGUAGEM DO IMAGINÁRIO NA SÉRIE “CIDADE INVISÍVEL”

Caroline de França Uniga (UFPR)

Abstract: A mix of police drama and suspense is presented at the “Invisible City” series, streaming on the Netflix platform. In the plot, Brazilian folklore characters who live marginalized in current times are presented, highlight their behavioral and historical Brazilianness. It is the offering of the series as an item of pop culture consumption that enables an analysis of its mythical language which denotes imagery through its images, transcending this experience into the imagination of each viewer. In this act, reality is transfigured by the representation of folkloric characters being alive and present in the daily lives of Brazilian cities in our current time, enabling the magic of the imagination to happen. The objective is to analyze the fantastic narrative language of the series, redefining the characters of Brazilian folklore through the study of imaginary. The study is based on the imaginary versions of authors Michel Maffesoli and Juremir Machado da Silva as a more realistic interpretative development of Gilbert Durand’s figure. The effort of the fictional presentation to help society learn about its history and interpret its culture is noted, enabling the viewer’s imagination to circulate signs and images that reinforce myths, rituals, behaviors and ideas.

Keywords: Consumption; Audiovisuality; Imaginary; Folklore.

Resumo: Um misto de drama policial e suspense é apresentado na série “Cidade Invisível”, *streaming* da plataforma Netflix. No enredo, são apresentados personagens folclóricos brasileiros que vivem marginalizados no tempo atual, destacando suas brasilidades comportamentais e históricas. É o oferecimento da série como item de consumo da cultura pop que possibilita uma análise da sua linguagem mítica que denota o imagético por meio de suas imagens, transcendendo essa experiência para o imaginal de cada telespectador. Nesse ato, a realidade é transfigurada pela representação dos personagens folclóricos estarem vivos e presentes no cotidiano das cidades brasileiras do nosso tempo atual, possibilitando que a magia do imaginário aconteça. O objetivo é analisar a linguagem de narrativa fantástica da série re significando os personagens do folclore brasileiro pelas vertentes do estudo do imaginário. O estudo se apoia nas versões de imaginário dos autores Michel Maffesoli e Juremir Machado da Silva como um desdobramento interpretativo mais realista das figuras de Gilbert Durand. Denota-se o esforço da apresentação ficcional em

ECO-REBEL

auxiliar a sociedade a conhecer sua história e interpretar sua cultura, possibilitando ao imaginário do telespectador a circulação dos signos e das imagens que reforçam mitos, rituais, comportamentos e ideias.

Palavras-chave: Consumo; Audiovisualidade; Imaginário; Folclore.

1. Introdução

A série brasileira “Cidade Invisível”, exibida pela plataforma de *streaming* Netflix, tem em seu enredo personagens do folclore nacional inseridos no cotidiano do tempo atual. Com isso, os personagens mantêm suas características fantásticas e têm sua representação humanizada, possibilitando a aproximação do espectador ao folclore brasileiro, proporcionando conhecimento dos nossos seres míticos e valorização da cultura nacional.

Trazer os personagens folclóricos para uma série que tem seu enredo apresentado na atualidade auxilia o espectador a reconhecer as características mágicas de cada ser, popularizando-o e aproximando-o ficcionalmente, mas, principalmente, culturalmente das pessoas. Essas narrativas fantásticas são criadas pelos homens e regidas pelos deuses, gerando “uma certa reação diante do sobrenatural, mas também, o próprio sobrenatural” (TODOROV, 2017, p. 166). Dessa maneira, o fantástico da estória se ambienta na sociedade, guiando comportamentalmente o ser no dia a dia; mas principalmente, guiando pelo exemplo mítico histórico independente do tempo.

E esse aspecto cultural se retroalimenta do cotidiano, assim como o cotidiano se retroalimenta da cultura:

A relação entre os espíritos individuais e a cultura não é indistinta, mas, sim, hologramática e recursiva. Hologramática: a cultura está nos espíritos individuais, que estão na cultura. Recursiva: (...) as interações cognitivas dos indivíduos regeneram a cultura que as regenera. (...) A cultura age e retroage sobre o espírito/cérebro para nele modelar as estruturas cognitivas, sendo, portanto, sempre aditiva como coprodutora da realidade que cada um percebe e concebe (MORIN, 2011, p. 24-25).

A relevância dessa retroalimentação é a manutenção cultural, comportamental e mítica da essência do ser humano na sociedade, visto “as interações entre indivíduos, eles próprios portadores/transmissores de cultura, que regeneram a sociedade, a qual regenera a cultura” (MORIN, 2011, p. 19). Com isso, a mitologia está presente no contexto cultural, social e imaginal de cada pessoa, possibilitando que o imaginário esteja presente como enredo, tema, ficção, encontro, desencontro, encruzilhada e fantasia.

2. Imaginário

Com uma visão generalista, o imaginário é uma oposição à realidade, ao verdadeiro (SILVA, 2001); além de ser uma terminologia que está em alta hoje em dia, sendo costumeiramente citado simplesmente como algo que habita nossa imaginação ou como sugestão de algo que não é real. A série “Cidade Invisível” não se utiliza dessa visão de modo tão simplista, trazendo o fantástico que transpassa a tela para o tempo atual. “O imaginário pode ser fantástico no cotidiano, (...) pode ser também o sentido singularizado que sobrou de experiências vividas” (SILVA, 2021, p. 103) e demonstrando que o imaginário é muito mais que um simples conceito, é uma análise social/cultural.

O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. Na aura de obra há a materialidade da obra (a cultura) e, em algumas obras, algo que as envolve, a aura. Não vemos a aura, mas podemos senti-la. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra. Esta é a ideia fundamental de Durand: nada se pode compreender da cultura caso não se aceite que existe uma espécie de “algo mais”, uma ultrapassagem, uma superação da cultura. Esse algo mais é o que se tenta captar por meio da noção de imaginário (MAFFESOLI, 2001, p. 75).

A análise dessa obra pelo viés folclórico denota o imagético por meio de suas imagens. Mas a magia acontece não pelo contexto mítico do enredo, e sim pela transição da experiência de assistir a série para o imaginal de cada espectador, dentro do imaginário de cada pessoa. “Não seria absurdo formular como hipótese que o imaginário é o espírito que habita o estilo na história. (...) Não se escolhe o imaginário: é uma submissão” (SILVA, 2017, p. 88-92).

Para relacionar a série à aplicação teórica do imaginário, à parte de assistir as duas temporadas na Netflix, a metodologia utilizada pautou-se em artigo recente do doutor em Sociologia, Juremir Machado da Silva; que também relaciona as teorias do herdeiro intelectual de Gilbert Durand, o pensador francês do cotidiano e do presente, Michel Maffesoli e do filósofo, antropólogo e sociólogo Edgar Morin; abordando hipóteses ou pistas do que pode ser o imaginário sob cinco versões que foram aplicadas na análise da série “Cidade Invisível”.

3. Versão imaginário como ambiente ou atmosfera

A aura que envolve as obras, que é o que não podemos ver, mas podemos sentir (MAFFESOLI, 2001), é o direcionamento dessa primeira versão do imaginário como uma atmosfera relativa ao ambiente que envolve a série. Seus personagens, sua trama, seu tempo de narração: o foco é o

ECO-REBEL

cenário e o enredo que constroem as cenas da série, *frame a frame*, contextualizando-a. É causa e consequência, é um emaranhado de traços que identifica o enredo, compondo-o com o brilho de um momento singular (SILVA, 2020).

A materialização dessa versão de imaginário na série é o próprio contexto contemporâneo em que ela acontece. A série é realizada no tempo atual, tendo como cenário cidades brasileiras habitadas por personagens do nosso folclore. A contextualização dessa versão do imaginário é o próprio ambiente cotidiano, mas que também é mágico. A série toca no imaginário com a mensagem de mistério que circunda nossas vidas através do folclore, da natureza brasileira, da diversidade continental de cidades existentes no Brasil – de Norte a Sul – e do que mais habitar de fantástico na mente de cada espectador.

4. Versão imaginário como ficção compartilhada

“A passagem do imaginário ao ‘real’ é uma questão de legitimidade. (...) O reino dos mundos impossíveis que se tornam possíveis pelo desejo humano de viver suas impossibilidades” (SILVA, 2017, p. 16-18). Estereótipo é a palavra que direciona a interpretação dessa versão do imaginário como ficção compartilhada, sendo que “o imaginário se coloca fora do registro da verdade factual” (SILVA, 2020, p. 10) fazendo referência exatamente à construção de mitos e conceitos.

A partir disso, fez-se o questionamento pela temática da série em questão: Na “Cidade Invisível” os personagens folclóricos estão no nosso tempo atual ou nós, por meio do folclore, podemos viver em uma cidade invisível na nossa imaginação? Essa questão pode ser respondida com a inserção de um livro de folclore brasileiro que aparece nas mãos dos personagens “humanos” principais da série, deixando clara a livre inspiração nos contos folclóricos.

Por meio da inserção desse livro nas cenas, demonstra-se o respeito e a fundamentação do imaginário compartilhado na ficção do mundo real da série “porque é uma ‘verdade’ não demonstrável passível de descrição, vivida socialmente” (SILVA, 2020, p.10).

5. Versão imaginário como fantástico do cotidiano

Como a série acontece no espaço temporal atual, não pode ignorar elementos característicos do nosso cotidiano que é o espaço do realismo e da rotina. Um exemplo disso é a violência, destacada principalmente nos centros urbanos. “As narrativas do vivido e do imaginário investigam as estratégias de comunicação que recobrem o vivido com uma ou mais camadas de imaginário. O

imaginário é uma máquina que ‘turbina’ o real tornando-o fantástico e mais desejável ou temível” (SILVA, 2021, p. 67).

Com essa transfiguração, o extraordinário foi inserido no ordinário (SILVA, 2020) em uma cena em que o personagem Boto-rosa aparece morto em uma praia do Rio de Janeiro. Um animal próprio das águas doces do Norte do país está desfalecido nas areias das águas salgadas do litoral carioca. Essa cena é a representação concreta da materialidade de um ser do espírito, habitante da Noosfera (MORIN, 2011) implantado no cotidiano, transmitindo a mensagem de que no nosso imaginário, tudo é possível. É o fantástico em cena.

6. Versão imaginário como memória afetiva

Trata-se de um álbum de fotos mental que cada pessoa tem dos bons e maus momentos vividos, “nessa perspectiva, imaginário é tudo aquilo, positivo ou negativo, que a memória afetiva recorta e armazena” (SILVA, 2020, p. 12). Diferentemente de ser uma simples lembrança, esse imaginário é estruturado não pelo sentimento direto do todo que foi vivido, e sim, pela seleção involuntária pessoal das imagens que foram gravadas.

Para não ser um resgate direto de sentimento, é preciso que esse recorte mental venha a partir da vivência de uma experiência o que, no caso da série, é bem retratado quando há a relação direta dos personagens “humanos” com os personagens folclóricos. Por beirar o impossível, esse momento da relação fica registrado por ser surpreendente e, claro, inesquecível. “Essa dimensão fantástica do banal é a super-realidade que dá atmosfera ao real. Por trás dessa dimensão fantástica, transfigurada pelo sentido vindo do imaginário, o real continua vivo e produtivo” (SILVA, 2017, p. 58).

As nossas memórias nos mantêm vivos e “o imaginário dá-se a ver como uma fotografia, o flagrante de um segundo de vida inalterável” (SILVA, 2017, p. 103). Por ser um recorte involuntário da lembrança, a melhor definição é exatamente o flagrante inalterável, pois só se rememora, e exatamente por isso, se perdura.

7. Versão imaginário como excedente de significação

Essa versão passa por todas as outras versões do imaginário denotando a “transfiguração do real, do banal ou simplesmente de certos momentos vividos, atribuindo-se a esses fragmentos

existenciais um sentido superior, mágico, transcendental, positivo ou negativo, mais do que uma aura, um *plus* de significado” (SILVA, 2020, p. 12).

O imaginário como excedente de significação vai além da lembrança do que foi vivido ou visto, porque é uma memória lembrada por aquela determinada pessoa, que é única. E devido a isso, essa memória já está polvilhada com todo o arsenal de informações que cada pessoa tem. Cada pessoa interpreta o que vive pelas lentes da sua própria experiência de vida, o que nas palavras de Morin, “determina a desatenção seletiva (...) e o recalque eliminatório que nos faz recusar toda informação inadequada às nossas convicções, ou toda objeção vinda de fonte considerada má” (MORIN, 2011, p. 30).

Como exemplo, se analisarmos aleatoriamente o personagem folclórico Saci, para algumas pessoas ele pode significar um ser demoníaco que aparece em situações de confusão, para outras pessoas pode ser a representação de um espírito brincalhão, ou ainda, para outras pessoas, pode ser a lembrança do melhor amigo imaginário da infância, que aceitava viver todas as brincadeiras e aventuras típicas desse período da vida.

Pela definição teórica do criador desta versão do imaginário como excedente de significação, sua principal característica está na “posição aquém ou além da verdade por se tratar de uma sobreposição que não postula um caráter realista primário. Apresenta-se como uma colagem de fragmentos a partir de uma realidade que se formula como uma representação complementar” (SILVA, 2017, p. 60).

8. Considerações finais

É a transformação encantada do imagético para o imaginal, proporcionada pela série “Cidade Invisível”, que possibilita a sensação da experiência de assisti-la em uma recordação, devido à magnificação do vivido (MAFFESOLI, 2018). A análise das versões do imaginário na série destaca conclusivamente a relevância do *imprinting* cultural que é intrínseco a cada cultura e como a relevância da coletividade na sociedade se imprime no folclore (MORIN, 2011).

Além de propor corajosamente a existência dos seres do espírito como real, Morin os situa no terreno da memória, dos programas, das crenças, dos valores, o que definitivamente situa a questão, além da sua dimensão consciente ou racional, na dimensão inconsciente da Noosfera (CONTRERA, 2017, p. 19).

Pode-se ainda destacar que a relevância de enredos que proporcionam a espetacularização do folclore brasileiro está no auxílio do encontro do espectador com seus seres culturais do espírito,

ECO-REBEL

possibilitando que o imaginário cumpra sua maior função que é a de gerar encantamento no cotidiano. “Existe um imaginário da imaginação e uma imaginação do imaginário. Se a realidade é cinza, o imaginário é uma palheta de cores com infinitos tons vivos” (SILVA, 2020, p. 12).

Referências

- CONTRERA, Malena S. *Mediosfera: meios, imaginário e desencantamento do mundo*. 2ª ed. – Porto Alegre: Imaginalis, 2017.
- MAFFESOLI, Michel. *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas*. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. 5ªed. Rio de Janeiro: Forense, 2018.
- MORIN, Edgar. *O método 4: as ideias: habitat, vida, costumes, organização*. Tradução Juremir Machado da Silva. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- SILVA, Juremir Machado da. Cinco versões de imaginário. *Memorare*, Tubarão, v. 7, n. 3, p. 08-14. Set./dez. de 2020.
- _____. *Diferença e descobrimento. O que é o imaginário? A hipótese do excedente de significação*. Porto Alegre: Sulina, 2017.
- _____. O imaginário é uma realidade. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 15, p. 74-82. Agosto de 2001.
- _____. *O que pesquisar quer dizer: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES. Análise discursiva de Imaginários*. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2021.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2017.

Aceito em 16 de abril de 2024.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 10, N. 3, 2024.